

O amor: observações de um psicanalista octogenário

Rómulo Lander,¹ Caracas

O que diz a psicanálise em relação à natureza do amor? Segundo minha experiência clínica e entendimento teórico, posso dizer que o amor se refere a um tipo particular de relação de objeto. O vocábulo amor se refere a vários tipos distintos de relações de objeto e, portanto, a palavra amor é polivalente. Para estudá-lo, apesar de toda a controvérsia que as concepções sobre o amor suscitam, me permiti reduzir o estudo do amor a cinco tipos. No caso do amor de paixão, está claro que esta relação de objeto é narcisista, e surge como algo não controlado pela vontade. A seguir, trato de apresentar detalhadamente os cinco tipos de amor: o amor de paixão, o amor cortês, o amor de conveniência, o amor anaclítico e o discurso de amor. Ao final, acrescento algumas considerações adicionais sobre a infidelidade e suas vicissitudes na relação amorosa.

Palavras-chave: amor, ódio, relação de objeto, paixão, anaclítico, cortês, discurso de amor, infidelidade.

¹ Médico, psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Caracas.

O que a psicanálise nos revela em relação à natureza do amor? Segundo minha experiência clínica e meu entendimento teórico, posso dizer que o amor se refere a um tipo particular de relação de objeto. O vocábulo *amor* se refere a vários tipos distintos de relação de objeto e, portanto, é polivalente. Para estudá-lo – e apesar de toda a controvérsia que isto suscita – me permiti delimitar o estudo do amor a cinco tipos. No caso do *amor de paixão*, está claro que esta relação de objeto é narcisista e é experimentada como algo não controlado pela vontade. O *amor de paixão* se torna algo *consciente* quando aparecem as emoções e os sentimentos.

1. Tipos de amor

1. Amor de paixão
2. Amor cortês
3. Amor de conveniência
4. Amor anaclítico
5. Discurso de amor

1.1. O amor de paixão

O amor de paixão é um fenômeno narcisista de natureza simbiótica. Penso que, apesar de serem diferentes, a *paixão de amor* e a *teoria do desejo* têm muitos aspectos em comum. Por isso, antes de seguir em frente, é necessário esclarecer algumas questões relativas à teoria do desejo. O *desejo* se origina e provém da *falta*, a qual recebe sua energia da pulsão. Essa *falta* se instala no sujeito devido à perda inicial e inevitável do objeto originário (seio materno).² Como a perda original ocorre cedo na vida, esse objeto original perdido representará um objeto muito especial na vida de cada sujeito. O *objeto perdido*, chamado por Jacques Lacan de o *objeto a*, será o *objeto do desejo*, e é um referente na relação precoce com esse outro primordial perdido no período pré-verbal.

Lacan (1964) se refere ao *objeto a* como o *objeto do qual não se tem nenhuma ideia*. Esse objeto representa o objeto original perdido na época do desenvolvimento narcisista e será sempre buscado pelo sujeito, que passará a vida procurando-o, mas nunca o encontrará. Quando o sujeito acredita (em ficção) tê-lo encontrado (no campo do outro), se inicia um estado de paixão. Esta paixão pode ser de amor

² É necessário distinguir a *falta em ser* tomada por Jacques Lacan da teoria da falta de Hegel (filósofo, 1920) da teoria de a *falta* pela perda do objeto *a*.

ou de ódio. Segundo essa alternativa dual, o tipo de paixão que surge depende da qualidade dominante de satisfação ou de frustração que o sujeito do inconsciente tenha vivenciado com o objeto perdido no período narcisista (imaginário) do desenvolvimento. O amor e o ódio são as paixões ilusórias sofridas pelo sujeito do inconsciente, e seus efeitos vão aparecer no Ego.

Esse encontro que desata a paixão de amor (ou de ódio) vai acontecer na vida do sujeito quando o *objeto a* encontra o *sujeito*, e não o contrário. Insisto: é o sujeito que é encontrado pelo outro (*objeto a*). Portanto, esse encontro não é voluntário; acontece por acidente, já que se trata de um encontro do acaso da vida. Este encontro fortuito se mostra como uma revelação. Neste encontro, o sujeito se *agarra* a algum detalhe existente no corpo do outro: seja sua voz, seu olhar, seu cheiro, ou algum pormenor físico. Este detalhe representa um pedaço do *Real* (pedaços guardados do passado original) esquecido do sujeito, e por acaso encontrado no campo do outro. O sujeito o percebe sinceramente, vê, ouve e cheira: é a ilusão de alguma coisa irresistível. Trata-se do *objeto a*, encontrado pelo acaso da vida no corpo do outro. Realmente, este encontro de um pedaço do *Real* (que vem do passado) dá início a uma série de projeções do sujeito que ama (*o amante*) no corpo e na pessoa do *ser amado*. É o *amante* quem coloca (projeta) e constrói sua convicção de haver encontrado esse detalhe perdido do *Real* no corpo do outro. Por isso, Lacan costumava dizer que o *amor de paixão* consiste *em dar o que não se tem* (1960). Mas está claro que esse corpo do *amado* é portador de algo que lembra o *Real* perdido.

Em verdade, este encontro fortuito é um pouco mais complexo. Vou me explicar. Como já disse, o *objeto perdido a* originará o *desejo* no ser humano (*teoria do desejo*). Mas aqui nós temos que teorizar um pouco mais. Uma coisa é o *objeto do desejo* e outra coisa é o *objeto causa de desejo*.

O *objeto perdido a* não aparece diante do sujeito, convocado por sua vontade. Pelo contrário, situa-se por trás do sujeito, *sem vontade*, já que surpreende o sujeito causando seu desejo. Segundo essa lógica, será o *objeto perdido a* em ficção que encontrará o sujeito. O sujeito não pode, por sua vontade, ter sucesso na busca pelo *objeto perdido a*. O *objeto a* realmente se impõe sobre o sujeito por acidente, por razões do acaso. É claro que o desejo do sujeito como ser humano que tem linguagem (*como um falante-ser*), quer dizer, organizado pela linguagem, consiste em sofrer o *desejo-de-ser-desejado-pelo-outro: desejo do desejo*.

Enfim, é este outro sujeito encarnado que deixou uma marca (um referente) na constituição mental precoce do sujeito. Esse referente é a *falta*. A perturbação ocorre porque o sujeito não tem outra alternativa, a não ser buscar pelo resto de sua vida esse *objeto perdido a*. Ele ou ela procurarão adiante, sempre erroneamente

(usando a vontade). Usar a vontade é algo compreensível porque *quem procura acha* (a vontade abre a oportunidade). Encontrará uma imagem de *objeto a*: uma aparência, uma isca. Dessa forma, o *objeto a* será o *objeto de desejo* que é encontrado diante do sujeito.

Mas há ainda outro aspecto a ser considerado. Como já disse, é o *objeto perdido(a)* quem encontra o sujeito. Quando isso acontece, o *objeto a* aparece detrás: como o *objeto causa de desejo*. Este encontro fortuito do *objeto a* com o sujeito do inconsciente desatará inevitavelmente um *estado de paixão*. Esses fenômenos ilusórios podem ter a qualidade de *amor* ou de *ódio*, e isto dependerá do *quantum* de satisfação ou frustração nas relações precoces com o *objeto perdido a*.

Como já disse, o *amor de paixão* se trata de um tipo especial de relação de objeto narcisista. Trata do encontro do sujeito amante com seu *objeto perdido a*, e a seguir encontrado em ficção (no corpo de outro). Este encontro produto do acaso da vida desata um vínculo *objetal simbiótico* de paixão. Este amor de paixão é vivido com convicção. Ama-se e se acredita ser amado. Porém, a convicção de ser amado pelo outro estará sempre em dúvida. Não existe uma forma para que o sujeito possa ter certeza de ser amado pelo outro. Surgem, assim, os tormentos do amor: a dúvida de ser amado. Esta dúvida inevitável empurra o amante a tentar encontrar alguma *prova de amor* que definitivamente o convença de que o outro o ama.

Em minha prática clínica, coube-me escutar infinidade de provas que cada um inventa para encontrar um pouco de tranquilidade na busca da necessária convicção de ser amado ou amada. Assim, por exemplo, ouvi que a prova definitiva de ser amado é *se o homem ou a mulher tem orgasmo simultâneo com seu parceiro*. Ou, por exemplo, *se lhe telefona quando está ausente*, eis a prova definitiva de amor. Ou quando dizem *que se o parceiro deseja ter um filho* é porque lhe ama. *Se pensa nele ou nela* é porque ama. *Se quer viver junto* é porque ama. *Se a protege* é porque a ama. Na verdade, aquele que pede e obtém sua prova de amor, paga e dá o troco a si mesmo. Mas, se a prova oferece uma resposta afirmativa, então se acha amado e obtém paz e tranquilidade por uns dias.

O amor de paixão apresenta ao sujeito problemas difíceis de viver no dia-a-dia. Pela seguinte razão: a paixão de amor empurra o casal a formar uma unidade; ser um com o outro. De duas pessoas individuais no começo, distintas com alteridade, progressivamente se transformam em um ser apenas. Não é raro ouvir daqueles seres que se amam de paixão que *eu sou seu e você é minha*. Daí o velhíssimo aforismo socrático da meia laranja, em que ambas as metades passam a vida em busca da outra metade. Quando a encontram, se unem e formam uma só laranja (um só ser). Esse é o perigo. Porque quando acontece esse fenômeno

psíquico de simbiose, de se tornar um com o outro, perde-se a outredade. Perde-se a alteridade do *ser*.

A perda da alteridade tem duas consequências que considero inevitáveis: (a) instala-se na relação do casal (conjugal ou concubinária) uma *relação de domínio*. Quer dizer, um ou outro cônjuge pensa (de forma subjetiva) ser dominado e dirigido pelo outro. A perda da outredade (perda da alteridade) leva a uma simbiose, em que se perde a discriminação *self-objeto*. A simbiose objetal (*Eu sou você*) torna inevitável a *relação ilusória de domínio*; (b) como já disse, o amor de paixão necessita da outredade para começar. Ao se discriminar um e outro, então será possível se relacionar com outro. Será possível encontrar no campo do outro o *objeto perdido a*. O *objeto perdido a* deve habitar o corpo de um outro (não da pessoa mesmo). Por isso, o aforismo popular diz que *o casamento (ou a convivência) é o túmulo do amor*. Esse aforismo se refere especialmente ao amor de paixão e seu efeito: a *perda da outredade*, que progressivamente impede a permanência da paixão de amor. A vida conjugal, com a convivência inevitável e com o compartilhamento diário da cama e dos hábitos, leva *um ao outro* a formarem uma unidade (a ser um) com o outro. E isso é um problema inevitável, a menos que se trate de outro tipo de amor, seja ele cortês ou de conveniência.

1.2. Quanto dura um amor de paixão?

Quanto dura um amor de paixão? Essa é uma pergunta recorrente. Em minha experiência clínica, o amor de paixão não dura a vida toda. Vejo-o como uma curva parabólica: desde que a curva se inicia, sabe-se que inexoravelmente no final a paixão vai desaparecer. Quer dizer, no momento de final da paixão, o sujeito deixa de ser (perceber) o *objeto perdido a* no corpo do outro. A partir desse momento, o *amor de paixão* desaparece. Diria que se transforma em outra coisa. Na melhor das hipóteses, se transforma no *amor cortês*. Ou se transforma no *desamor*, que não é outra coisa senão a ausência do amor de paixão. Há quem tenha me perguntado se é possível amar de paixão a mesma pessoa em dois momentos distintos. Isso equivale a ser encontrado duas vezes pelo mesmo *objeto a* que o corpo do outro porta. Em minha experiência clínica isso nunca ocorreu. Poderia dizer *que não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio*. Acredito que não é possível sofrer duas vezes uma paixão de amor com a mesma pessoa. Porém, é possível encontrar um amor cortês duas ou três vezes com a mesma pessoa, assim como é possível encontrar um amor cortês depois de um amor de paixão.

1.3. Os perigos da paixão

O perigo inevitável é o surgimento da relação ilusória de domínio, à qual me referi em um parágrafo anterior. A ilusão de domínio se deve à perda de alteridade que aparece na relação de paixão. Quer dizer, aparece uma relação de objeto simbiótica, fusional. É dessa relação que se origina a ideia de ser dominado ou dominada pelo dizer do outro. O outro aparece em seu dizer e em suas opiniões como um ser despótico (sem sê-lo). O sujeito em estado de paixão é fusional, e percebe como ordens (sem o serem) o que ouve do objeto amado (fusional).

1.4. O amor de paixão leva a um sexo apaixonado?

Encontro um exemplo deste *sexo-apaixonado* no livro *Crónica del pájaro que le da cuerda al mundo*, do premiado escritor japonês Haruki Murakami (2001). Segunda parte: *El pájaro profeta*. Segmento do Capítulo 11, intitulado *La larga carta de Kumiko*.

Carta dirigida a seu marido depois de muitos meses de ausência:

Ficamos um tempo sem nos ver e, quando nos encontramos para resolver algumas pendências, resolvemos jantar. Depois fomos a um bar, para descontrair e beber um pouco. Como não sou muito resistente, tomei um suco de laranja, só para acompanhá-lo. Não tomei uma gota de álcool. O que aconteceu não foi desencadeado por bebida. Tivemos um encontro normal e conversamos banalidades. Só que de repente, quando nossos corpos se esbarraram, experimentei um desejo forte e repentino de transar com ele, e senti intuitivamente que a recíproca era verdadeira. Ele também pareceu ter percebido minhas intenções. Parecia uma esmagadora transmissão de correntes, sem lógica, sem nada. Parecia que o céu tinha caído na minha cabeça. Minhas bochechas ficaram quentes em um segundo, o meu coração disparou e senti um nó na boca do estômago. Foi até difícil continuar sentada. No começo, eu não sabia o que estava acontecendo comigo, mas depois percebi que era desejo. Eu desejava aquele homem de maneira intensa e mal conseguia respirar, como se asfixiada. Entramos em um hotel próximo e fizemos sexo como se fôssemos nos devorar.

Talvez você fique chateado lendo esses detalhes, mas acredito que é melhor escrever tudo com minúcia e sinceridade. Gostaria que você continuasse lendo, mesmo que seja doloroso.

Essa relação não tinha praticamente nada a ver com amor. Eu só queria transar

com ele, só queria que ele me penetrasse. Era a primeira vez na vida que desejava tanto o corpo de um homem. Até aquele momento eu não conseguia imaginar ao certo o significado da expressão “desejo incontrollável”, que lia em romances.

Não sei por que esse desejo brotou em mim de repente, ainda mais com outro homem, e não com você. Só que na hora não pude nem quis resistir. Gostaria que você entendesse isso. Não me ocorreu nenhuma vez que era traição. Fiz sexo com ele na cama do hotel como se eu estivesse em transe. Vou ser franca: nunca gozei tanto na vida. Não, essas palavras não são suficientes para expressar o que eu senti. Meu corpo como que rolava dentro de um barro quente. A minha consciência absorveu a sensação de prazer, expandiu a ponto de quase rebentar e então explodiu de verdade. Parecia que um milagre tinha acontecido. Foi uma das coisas mais extraordinárias que aconteceu na minha vida [...].³

1.5. O amor e a morte

Existe uma relação inevitável entre o amor de paixão e a realidade da morte. Em minha prática clínica, observei e pude isolar três formas de encontrar esta relação com a morte – o *morrer de amor*, *amor de morte* e o *amor que mata* – de modo que parece estar equivocado o velho aforismo de que *ninguém morre de amor*. Está provado pela experiência clínica inegável que o *amor de paixão* pode chegar a ser um assunto mortal. Vejamos os três tipos de morte em detalhes.

1.5.1. Morrer de amor

Eu o situo nos seguintes casos: (a) quando o *amor de paixão* não é correspondido; (b) no caso da *perda inesperada* do objeto de amor (de paixão) – ambas as perdas são geralmente de natureza traumática; (c) lembremos os esposos que se uniram em um vínculo de paixão simbiótica que durou muitos anos, até que um deles morre. A observação repetida por diferentes pessoas é a seguinte: o sobrevivente morre pouco tempo depois. Comumente se diz *morreu de amor*.

Um caso ilustrativo acontece no romance francês do século XVIII, adaptado para o cinema com o filme intitulado *Ligações perigosas*.⁴ Na trama, a personagem madame de Tourvel *morre de amor*, quando seu objeto de paixão, o visconde de

³ N. T.: Traduzido para o português de Murakami, H. *Crônica do pássaro de corda*, na tradução de Eunice Suenaga para Alfaguara, 2017.

⁴ N.R.: Intitulado originalmente como *Les liaisons dangereuses*.

Valmont, repete-lhe várias vezes *que ele não a ama, não está em sua natureza*. Madame de Tourvel não suporta a perda de seu objeto de paixão e morre de inanição. Ela *morreu de amor*.

Nesse famoso romance, escrito por Pierre Choderlos de Laclos (1782), é narrado o luto malvado e libertino de dois membros da nobreza francesa em fins do século XVIII. Foi publicado pela primeira vez em 1782. A marquesa de Merteuil e o visconde de Valmont, que em outro tempo chegaram a ser amantes, se aproveitam, para sua diversão e suas atividades amorosas, da sociedade puritana e privilegiada em que vivem. Esses personagens egoístas contam suas façanhas, que constituem a trama da história. É verdade que o visconde de Valmont primeiro seduz as damas e logo as abandona por terem cedido à sua sedução. Ele mesmo as seduz e desonra, para em seguida de forma trágica e traumática abandoná-las. Ele diz que somente segue sua inclinação natural. A marquesa de Merteuil, farta de escutar as gabolices de Valmont sobre suas aptidões sedutoras, desafia-o a seduzir a mais virtuosa e pura das mulheres conhecidas na sociedade aristocrática francesa em que se desenvolve a trama: madame de Tourvel, considerada impossível de se seduzir. Se conseguir seduzi-la, a própria marquesa de Merteuil enganará seu atual amante e se entregará a Valmont. Ao longo da primeira parte do livro, podemos acompanhar os avanços de Valmont para seduzir madame de Tourvel, que pouco a pouco irá cedendo diante dos encantos de Valmont. Logo depois de alcançar a conquista e ganhar a aposta feita com a marquesa de Merteuil, ele rejeita madame de Tourvel, como fez com tantas outras mulheres que seduziu. Madame de Tourvel não suporta a desilusão e *morre de amor*.

Ainda sobre essa temática, é oportuno mencionar que jovens adolescentes (de ambos os sexos) com estrutura psíquica histérica, por não suportarem a perda de seu objeto de amor de paixão, num relampejo enlouquecido acabam tirando a própria vida. Atiram-se de um edifício, tomam uma dose mortal de sedativos, tomam substâncias cáusticas utilizadas para desentupir encanamentos e destroem o esôfago, ou se atiram embaixo do trem. Esses jovens de ambos os sexos, que estão no início da vida e que não suportam a perda do objeto de paixão, *morrem de amor*. Se pudessem suportar a perda do objeto de amor apenas por umas horas, o risco suicida seria mínimo posteriormente. Se ao menos tivessem tido a boa sorte de encontrar alguém que os acompanhasse e os amparasse no colapso do Ego nesse momento de angústia de *perda do objeto amoroso*, o ato suicida não teria ocorrido. A partir desse momento, posterior à angústia da perda, não são suicidas. No entanto, apesar de ser tão simples, é assustadora a quantidade de jovens que *morrem de amor* ao se suicidar em um momento de paixão.

1.5.2. Amor até a morte

Referimo-nos aqui aos *amantes de paixão* que juram sinceramente *amor até a morte*. A esse amor alude o conhecido dizer *amor acima de tudo*. Trata-se de amantes que desafiam o mundo e seus preconceitos, para defender seu *amor até a morte, amor acima de tudo*. Do Romantismo à Modernidade, exemplos de uma morte por causa de um amor abundam na literatura, no cinema, na ópera, na poesia (e na clínica). Assim conhecemos a emblemática obra literária Romeu e Julieta, que narra a história de amor entre dois adolescentes que se *amaram até a morte*. Amor em que o amor de paixão desafia os valores culturais da época e, por um equívoco causado por uma poção de veneno, ambos encontram a morte. O mesmo acontece com Abelardo e Eloísa.

No cinema espanhol é lançado o filme *El nido*, de Jaime de Armiñán (1980) que narra uma história de amor entre uma jovem adolescente e um homem mais velho, que vive isolado na montanha. Entre eles surge um amor de paixão que leva o homem a *morrer de amor* por seu objeto amado. É uma versão moderna do *amor acima de tudo*, que é chamado de amor até a morte. O filme *El nido* é interpretado por Héctor Alterio e Ana Torrent, com fotografia de Teo Escamilla. O filme foi selecionado oficialmente para o Festival Internacional de Montreal, e Ana Torrent ganhou o prêmio de interpretação feminina por seu trabalho no mesmo.

1.5.3. Amor que mata

Amor que mata refere-se aos *amores de paixão* que são contrariados. São os amantes que sabem da impossibilidade de estar juntos, mas que, apesar de tudo, insistem em seu inaceitável e irrefreável projeto de amor. Os *amores de paixão* são como a mariposa que não consegue evitar sua aproximação da vela que a matará. Aqui encontramos os *amores impossíveis* exemplificados em filmes que mostram a impossibilidade de amor entre judeus e muçulmanos, entre brancos e negros, entre certas famílias inimigas. Amores impossíveis que muitas vezes levam os amantes de paixão a encontrar a morte.

2. O amor cortês

O amor cortês refere-se a um vínculo de amor tranquilo. É um vínculo com um objeto discriminado com o qual se tem um sentimento de amor (de muito carinho). Mantém-se o *eu sou eu e você é você*. Quer dizer, mantém-se a discriminação *self-*

objeto. O outro discriminado é o depositário de um vínculo amoroso de carinho (algo valioso) e de firmes desejos de proteção e companhia. Além desse vínculo amoroso, geralmente existem ainda bens e filhos compartilhados. Há uma história compartilhada, boas lembranças, compatibilidade no caráter e nos interesses. Pode existir boa compatibilidade sexual se ambos partilham (sem problemas morais) o *fantasma sexual* que cada um deles tem. O amor cortês é menos conflituoso, já que não é baseado em ideais inalcançáveis (a ficção do objeto perdido), e existe mais tolerância de um para com o outro. A relação de objeto segue sendo de amor.

3. O amor de conveniência

O amor de conveniência é, talvez, o mais velho tipo de amor que existe. Desde antes de Cristo, existem testemunhos escritos pelos historiadores romanos e nos papiros da antiga Índia (mais antigos ainda) em que o vínculo mais apreciado e valioso entre os cônjuges era o amor de conveniência. Muitas vezes o casamento era ajustado em função dos interesses dos pais ou da cidade. Muitas vezes estes casamentos ajustados por pessoas alheias aos cônjuges acabavam muito bem, e os cônjuges ficavam muito satisfeitos com o acerto. Outras vezes não tinham tanta sorte. Nessa época, o *amor de paixão* era visto como algo plebeu, era um tipo de amor próprio apenas das classes incultas e ignorantes, próprio dos escravos. Os patrícios, quer dizer, as classes mais cultas, educadas e poderosas, se guiavam pela regra da conveniência.

Apenas muitos anos depois, ao final da Idade Média e durante o Renascimento, o amor cortês encontra na poesia e no canto dos trovadores a expressão do amor de paixão. É então que aparece uma transformação dos ideais sociais em relação aos vínculos de amor. O amor de paixão começa a ser transformado em aspiração e em ideal. Os contos de fadas contados para as crianças perpetuam este ideal: a menina aspira encontrar seu príncipe encantado e ser amada intensamente até que a morte os separe.

O amor por conveniência ainda se faz presente na atualidade. Os pretendentes almejam, por exemplo, alcançar uma posição social e econômica favorável ou um bom ajuste sexual, compartilhar interesses mútuos, ou buscam compatibilidade de caráter. Essas são razões suficientes para se aceitar o casamento de conveniência mútua. Nestes casos, existe uma relação de amor, mas não é de natureza passional.

A figura social da *matchmaker* [casamenteira] – chamada de *celestina*⁵

⁵ N.T.: Alusão à obra de Fernando de Rojas, *La celestina: tragicomédia de Calisto y Melibea*, do século XVI.

em espanhol – é a de quem fabrica bons casais. São casais compatíveis, que desenvolvem uma boa relação de amor de conveniência, algo muito valioso e sincero. Hoje em dia, aqueles que ajudam pessoas no encontro amoroso através da internet fazem o mesmo trabalho de fabricar casais que antes não se conheciam. A internet os põe em contato; eles se encontram, se conhecem, e pode ser que o casamento funcione, como aconteceu muitas vezes.

Segundo os dados que me coube examinar, os casamentos de conveniência são mais duradouros que os casamentos estabelecidos pelo amor de paixão. Quer dizer, são mais estáveis. Isso me parece bastante compreensível, já que o casal de conveniência se baseia em uma aceitação mútua, em que ambos os cônjuges conhecem os defeitos e as qualidades do outro. Lembremos que no amor de paixão o objeto de amor é perfeito. É um objeto que não tem defeitos já que é idealizado. Só tem qualidades. Essa idealização é a matriz da ilusão de amor. Muitas vezes, ao acabar a ficção (quando cessa a paixão), os defeitos do cônjuge se tornam conhecidos e, em alguns casos afortunados, os defeitos são tolerados e aceitos. Nestes casos, a compatibilidade sexual, a possibilidade de manter um vínculo de carinho pelo outro, de compartilhar a criação dos filhos e de desfrutar dos bens conjugais permitem a passagem de uma relação amorosa de paixão para uma relação amorosa cortês com o mesmo cônjuge, sem ocorrer nenhuma separação ou divórcio.

4. Amor anaclítico

Freud utilizou pela primeira vez o termo *narcisismo* na reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, no dia 10 de novembro de 1909 (Balint, 1960). Disse nesse dia: “[...] o narcisismo é uma etapa intermediária na passagem do autoerotismo ao aloerotismo”. Isso coincide com o texto que Freud escreveu posteriormente sobre o caso do presidente Schreber. Nesse texto sobre Schreber, Freud (1909) diz: “[...] pesquisas recentes dirigiram nossa atenção a uma etapa no desenvolvimento da libido, na qual a libido do autoerotismo passa ao amor objetal, e esta nova etapa recebeu o nome de narcisista” (p. 67).

É claro que Freud nos deixa certas inconsistências e contradições teóricas. O *narcisismo primário* é descrito como um mecanismo primitivo da mente (Freud, 1905a). Nas descrições mais antigas de Freud, na teoria do narcisismo aparece a *escolha anaclítica* (Freud, 1905b). Posteriormente, como consequência da diferenciação entre libido narcisista (Freud, 1917, 1923 e 1938[1940]) e libido objetal (1914), Freud reavalia os conceitos e propõe que a escolha de objeto

narcisista é anterior à escolha de objeto anaclítica⁶ (Freud, 1905b). Ele apresenta a teoria da escolha objetal em que se distinguem dois tipos de escolha: a narcisista e a anaclítica (1923, 1931).⁷ Freud propõe que a escolha do objeto narcisista remete a uma escolha objetal com um objeto similar a si mesmo. Em troca, a escolha de objeto anaclítica remete a um objeto que recebeu catexia objetal e se encontra discriminado de si mesmo. Afirma se tratar de *um objeto de necessidade para a sobrevivência*. Segundo Freud (1923), essa é uma escolha “[...] que segue o caminho da necessidade narcisista de sobrevivência e se une ao objeto de satisfação dessas necessidades” (p. 57). Chama *escolha anaclítica de objeto* ao contrário da *escolha narcisista* de objeto. Anos depois, René Spitz (1959), trabalhando com crianças hospitalizadas e separadas de suas mães, descreveu o quadro clínico de depressão dessas crianças abandonadas por suas mães em uma idade muito pequena, ou deixadas no hospital, a que denominou de *depressão anaclítica*. Referiu-se a essas crianças abandonadas como casos de *hospitalismo infantil*, em que as crianças apresentavam isolamento emocional e movimentos rítmicos (*rocking*).

4.1. Amor de tipo anaclítico

A característica mais importante da relação de objeto anaclítica é que ela vai originar a possibilidade de um *amor objetal anaclítico*. Em minha opinião, trata-se do seguinte: o *objeto de amor (anaclítico)* deixa de ter importância para o sujeito logo que suas necessidades de sobrevivência estão satisfeitas. Por exemplo: uma mulher ou um homem adulto, diante da presença de uma angústia causada geralmente por abandono, pode buscar a sobrevivência situando um *objeto de amor anaclítico* de urgência em qualquer pessoa próxima que se adéque às suas necessidades para atenuar sua angústia. Pode, em seguida, desaparecer da vida deste sujeito logo que a angústia tenha se acalmado. A matriz de origem deste mecanismo anaclítico se encontra na relação de objeto com o seio materno como calmante da angústia de morte (a fome do bebê). O seio materno (ou a mamadeira) como fonte de vida e afeto é muito valioso, mas somente quando o bebê tem fome e angústia. Quando satisfeitas suas necessidades alimentícias e de segurança, o seio perde o valor e a importância, porque esse bebê já está satisfeito. Essa relação é chamada de *anaclítica*. É de natureza narcisista na medida em que esse mecanismo

⁶ Nos *Três ensaios, de 1905*, o subcapítulo dedicado à organização pré-genital da libido foi acrescentado ao texto original no ano de 1915.

⁷ Estas ideias aparecem no trabalho intitulado *O Ego e o Id* de 1923, e a seguir em *Tipos libidinais* de 1931.

é próprio de um período primitivo do desenvolvimento da mente e opera com os objetos parciais precoces.⁸

4.2. A permanência da relação anaclítica

O tipo de experiências precoces que o sujeito tem com o seio vai determinar a marca mnêmica conforme tenha sido a dialética *satisfação-frustração*. Se predominam as experiências de satisfação, a relação de objeto futura será evoluída, talvez de natureza dependente (anal) ou de natureza interdependente (genital). Se predominam as experiências de frustração, abandono e carência, é possível que o mecanismo dominante seja de tipo anaclítico e se mantenha no eixo do tempo. A escolha de objeto anaclítica com um objeto que salva explica a característica anaclítica dessa relação com o objeto ao longo da vida, em ambos os sexos. A angústia que precipita a relação anaclítica se inicia somente quando o objeto que está ausente torna-se novamente necessário. A necessidade será satisfeita quando um objeto, que desempenha a função anaclítica, for encontrado. Essa necessidade satisfeita faz com que o interesse por esse objeto desapareça (relação anaclítica). Observei às vezes situações clínicas inauditas, quando a relação de objeto de característica anaclítica evoluiu para outro tipo de relação de objeto. Essa nova relação de objeto vai manter a *constância objetal* com o objeto de amor, dando origem a uma relação (não anaclítica) mais evoluída, estável e duradoura.

4.3. Os problemas clínicos com a relação anaclítica

Durante os anos 70, desenvolveu-se nos Estados Unidos, usando o enfoque fenomenológico, um conceito que recebeu o nome de *psicopatologia anaclítica*. Todos nós sabemos que os mecanismos anaclíticos em um sujeito produzem dificuldades para manter estáveis as relações laborais, sociais e amorosas. Isso acontece devido justamente à perda de interesse no objeto anaclítico uma vez que se satisfaz a necessidade. As pessoas que usam esse mecanismo às vezes têm

⁸ O adjetivo *anaclítico* (do grego *auahliuw*: deitar-se sobre, apoiar-se em) foi introduzido na literatura psicanalítica de língua inglesa e recolhido pelos tradutores franceses e espanhóis para traduzir o genitivo *Anlehnungs* em expressões tais como *Anlehnungstypus der Objektwahl* traduzido geralmente por tipo anaclítico de escolha objetal. Mas o que forçosamente escapa ao leitor das obras traduzidas de Freud é o fato de que o conceito *Anlehnung* constitui uma peça fundamental da primeira teoria freudiana das pulsões. Freud se refere a ela em muitas outras ocasiões, à parte daquelas em que trata da escolha objetal anaclítica. Com grande frequência se encontra a forma substantiva *Anlehnung* e formas verbais como *sich an (etwas) anlehnen*. Mas estas formas foram traduzidas de diversas formas, de modo que o conceito *Anlehnung* não pôde ser captado com clareza pelos leitores de Freud. Atualmente se apresenta como um problema terminológico. A palavra anaclítico já faz parte do vocabulário internacional da psicanálise e não é possível suprimi-la.

dificuldades para sentir e expressar suas emoções. Isso abriu espaço nos Estados Unidos para propor, do ponto de vista fenomenológico, ao estilo do DSM V, uma *psicopatologia anaclítica*. Encontramos, assim, os estudos epidemiológicos e clínicos da prestigiosa Clínica Menninger, em Topeka, Kansas, e outros estudos na também prestigiosa clínica Austin Riggs Center, em Stockbridge, Massachusetts.

Encontramos, por exemplo, um estudo de acompanhamento de noventa pacientes em tratamento prolongado de psicanálise de alta frequência (cinco vezes por semana) e psicoterapia psicanalítica de baixa frequência (duas vezes por semana) (Blatt *et al.*, 1988). Esse estudo divide os noventa pacientes em dois grupos: os anaclíticos e os introjetivos. Segundo esse trabalho, os *anaclíticos* são pacientes que apresentam problemas de afeto, problemas na capacidade de manter a intimidade e relações interpessoais estáveis por longo tempo. Os pacientes *introjetivos* apresentam problemas de ideação, têm ideias obsessivas, preocupam-se com sua agressividade e em saber quem são. Pessoalmente considero este estudo mais fenomenológico (centrado no sintoma) que psicanalítico (centrado nos mecanismos inconscientes) e sem nenhuma novidade sobre o problema teórico do vínculo anaclítico (Blatt & Shichman, 1983). Ao final, o estudo conclui com a sugestão de que os analisandos introjetivos respondem melhor à terapia de cinco sessões semanais, e os anaclíticos respondem melhor à terapia de duas sessões por semana. Os argumentos intrapsíquicos dos mecanismos que contribuem para a evolução do tratamento e para esta conclusão não são oferecidos pelo trabalho.

5. Discurso de amor

O discurso de amor consiste na presença de uma declaração de um amor que não existe ou não corresponde aos verdadeiros sentimentos de quem se declara. É uma declaração de amor consciente. O sujeito sabe o que diz e o que sente, mas mesmo assim age. Trata-se de sujeitos que não podem sentir o amor. Podem ser sujeitos cultos, de bons costumes e civilizados. Não se trata de delinquentes. Eles desejam constituir família, se casar, ter filhos e levar uma vida em comum; têm boas intenções. Mas não podem amar, e sabem disso. Resta-lhes somente o *discurso de amor*. A relação com o cônjuge escolhido em ambos os sexos é boa. Os poetas se referem a esses casos como de uma pessoa que tem o *coração congelado* ou *coração de gelo* (*soul on ice*). A pessoa sofre porque deseja poder amar, mas não consegue.

5.1. Agora a pergunta para o psicanalista: por que não pode amar?

Trata-se de estruturas mentais distintas das estruturas neuróticas ou das psicóticas. O discurso de amor aparece nas estruturas perversas. Estas estruturas se fundamentam no mecanismo mental de negação da diferença anatômica dos sexos, o que usualmente acontece nos primeiros quatro anos de vida, quando a criança não aceita a realidade da ausência de pênis na mãe e acredita ver um pênis que não existe. O acesso ao amor, como já disse anteriormente, fundamenta-se na existência da falta. Esses sujeitos com estrutura perversa não aceitam a falta e, portanto, não têm acesso ao amor. Vivem sem a *lógica do desejo*, o que é substituído pela lógica da *vontade de Gozo*. É uma situação estrutural irreduzível. Para esse tipo de estrutura, resta somente o *discurso de amor*.

Quando o indivíduo de estrutura perversa não está em estado de excitação sexual, a relação de objeto é clinicamente muito semelhante à de um indivíduo neurótico, em que há uma capacidade clara para a discriminação *self*/objeto. Quer dizer, há espaço para a alteridade. Esses sujeitos não se fundem com o objeto. Nos momentos *não sexuais*, esses sujeitos, que apesar de tudo têm uma estrutura perversa, são cidadãos exemplares e se atêm à lei. Mas, quando o indivíduo está sexualmente excitado e desempenhando um ato sexual, a natureza do objeto sexual é *não humana*. O objeto sexual (um outro) se transforma em um artifício, não é um objeto de desejo. O outro é um simples apoio *não humano*, que conforme um roteiro particular cumprirá uma função específica no fantasma sexual desse sujeito, o que o levará ao orgasmo. Não se trata de serem más pessoas, nem a maldade os caracteriza. Trata-se de uma diversidade do ser.

6. Nota adicional importante: algo sobre o sexo e o amor

O estudo psicanalítico da vida amorosa e a compreensão psicanalítica da vida sexual vão muito além do descritivo fenomenológico. É necessário, portanto, aplicar a lógica psicanalítica (do inconsciente). Está claro que o fenomenológico e o psicanalítico apontam para dois registros distintos. O primeiro aponta para a clínica do ato (o visível), e o segundo para a clínica do desejo (o invisível). Disso tudo se depreende a necessidade de distinguir, a partir da teoria psicanalítica, as diferenças que existem entre a vida amorosa e a vida sexual. Costumo dizer metaforicamente que o arcabouço da relação de amor se apoia em um solo firme, que é oferecido pela vida sexual orgástica. O arcabouço é o amor, o solo firme é o sexo. Um necessita do outro e vice-versa. Mas não são a mesma coisa. O estudo da

vida sexual a partir do ângulo psicanalítico requer outro trabalho de investigação. Mas trato de adiantar algumas ideias sobre um assunto difícil, que envolve esses dois aspectos: o amoroso e o sexual. Refiro-me à oferta de *fidelidade sexual* que os parceiros na dupla amorosa esperam receber.

7. O problema da infidelidade

Para estudar o problema da infidelidade, é necessário abrir *um espaço amoral*, o que implica a presença de uma posição ética especial. Assim, poderemos explorar a dialética do desejo que o homem ou a mulher possam ter para estabelecer relações infieis. Relações que às vezes são necessárias, outras vezes inevitáveis, por demais muito frequentes na complicada vida conjugal e de casal. Uma coisa é certa: as relações infieis, além de serem contrárias ao combinado, sempre resultam difíceis e geram sofrimentos para todos.

É possível que possamos falar de uma *ética da infidelidade*, em que um sujeito infiel (homem ou mulher) pode ter boas razões pessoais para exercer o ato infiel sem padecer de sentimentos inconscientes de culpa, nem sentimentos conscientes de vergonha. Nesses casos, as razões conscientes e inconscientes que levam esta pessoa (homem ou mulher) a realizar o ato da infidelidade estão em harmonia com seu próprio sistema de ideais. Assim, pois, seu ato infiel estará determinado por sua ética pessoal.

7.1. A presença do adultério

Usualmente, a presença da infidelidade vai gerar uma série de conflitos individuais no sujeito e conflitos no casal, conflitos que às vezes são muito dolorosos e que, além disso, são acompanhados de efeitos no outro enganado. Em muitos casos, poderíamos considerar estes efeitos de ordem traumática, outras vezes não.

Conforme os ideais de fidelidade que o sujeito tenha, a experiência de ser a parte enganada vai levá-lo a questionar a sinceridade do amor oferecido pelo outro infiel. Às vezes a infidelidade piora a qualidade da relação ao introduzir o sentimento de engano e de suposta rejeição. Mas outras vezes é possível que, depois do conhecimento do ato de infidelidade, se possa reconstruir uma relação sincera na vida do casal, o que não raramente atualiza e melhora a qualidade da relação e a qualidade da vida matrimonial. Assim, um ato infiel pode no fim ter algum benefício para ambos os participantes da vida conjugal.

7.2. Ideais de fidelidade

Os ideais de casal são determinados pela força das tradições e costumes que existem na família durante a tenra infância dessa pessoa. Hoje em dia, os ideais familiares e sociais incluem primeiro o valorizado casamento por amor, e segundo a ideia de uma absoluta exclusividade, com compromisso de fidelidade do vínculo matrimonial ou concubinal. Essa expectativa de fidelidade também se encontra no compromisso pré-matrimonial de tipo amoroso – quer dizer, se espera e se exige a fidelidade no namorado comprometido. Assim fica estabelecido, segundo estes valores sociais, que ser infiel é enganar o parceiro.

Então, ser infiel é inaceitável como ideal social. Além disso, é um delito conjugal e significa estar incurso em adultério. Ser adúltero é algo enquadrado severamente pela sociedade em sua vertente jurídica (causa de divórcio) e em sua vertente religiosa (viver em pecado). É algo tão grave que muitas vezes torna-se a causa principal de separação e logo de divórcio. Muitas vezes um divórcio obrigado, não desejado pode causar sofrimento e destruição da harmonia conjugal. No entanto, apesar de tudo isso, a infidelidade é comum na relação da maioria dos casais. Digo na maioria porque, segundo as mais recentes pesquisas sociais, a infidelidade conjugal foi experienciada por mais de 65% dos casais entrevistados. Tanto homens como mulheres vivenciam a infidelidade amorosa com o parceiro. Então, é inevitável perguntar: por que se é infiel? Por que é tão difícil manter a fidelidade oferecida com boa fé ao parceiro amado?

7.3. Quando há infidelidade?

Definir a infidelidade no casal não é um assunto fácil. Nem todo mundo está de acordo com o mesmo critério. Lembremos aquela lição religiosa de infância que para muitos resulta controversa e absurda: a possibilidade de pecar em *pensamento, palavra e ato*. Esta lição religiosa deixa sua marca; assim, muitas pessoas definem a infidelidade somente pela presença do desejo por outro. Em troca, para outros, a infidelidade é somente relevante quando aparece explícita a ação infiel, quer dizer, a infidelidade em ato. A controvérsia é ampla. Outra forma prática de chegar ao conceito de infidelidade é por oposição ao conceito de fidelidade.

Sabemos que a ordem social estabelecida em nossa cultura ocidental, desde os primeiros tempos de nossa civilização, se baseia em um sistema de princípios que especificamente proíbem o incesto e o parricídio. Uma vez estabelecidas estas duas proibições básicas, os grupos sociais se organizam em sistemas cada vez

mais complexos. Um princípio adicional mais moderno estabelecido na ordem jurídica e na religiosa consiste na obrigatoriedade de oferecer e cumprir o acordo de fidelidade e de exclusividade conjugal. Assim, pois, a fidelidade se instala como um baluarte social. Em consequência, a infidelidade – e sua tipificação legal, o *adultério* – acaba por ser avaliado como um delito. Neste contexto, o adultério é considerado presente quando se comprova realmente a consumação do ato sexual com pessoa alheia aos parceiros conjugais. Isso significa que deve haver uma prova irrefutável da execução do coito com penetração, ou uma confissão. Existe dúvida jurídica na qualificação adúlterina de brincadeiras eróticas, com ou sem toques genitais, com outra pessoa alheia ao casamento. E, em alguns casos em que essa discussão jurídica se apresentou, concluiu-se que os toques (incluindo o oral) não constituem um ato legal de infidelidade.

A pergunta inicial volta e insiste. Então, em que consiste a infidelidade conjugal? Na prática clínica cotidiana, vemos que apenas detectar a presença do desejo pelo outro já constitui para o sujeito a convicção do engano e, portanto, dá início ao sofrimento na pessoa enganada. Essa premissa, baseada em perceber o desejo pelo outro, se fundamenta em uma observação paranoica de tipo ciumento. Por isso, a pessoa enganada clama por uma confissão do parceiro. Como vemos, a situação vai se complicando cada vez mais.

7.4. Por que a fidelidade é uma necessidade?

Um pouco antes afirmei que a fidelidade é uma necessidade e um baluarte social. Cabe perguntar: por que digo isso? Encontro duas respostas possíveis. Uma delas considerando o ângulo social e cultural, e a outra o ângulo psicanalítico.

7.4.1. O ângulo cultural e social

A fidelidade de ambos, principalmente da mulher, garante a legitimidade da prole e da futura recepção dos bens familiares – quer dizer, o destino do patrimônio familiar. A fidelidade da mulher garante que a herança dos bens passará às mãos dos filhos legítimos. Lembremos da expressão *sangue do meu sangue*, que dá à pessoa um sentimento de convicção do que lhe é próprio. A transmissão dos bens é uma razão social importante para apoiar a fidelidade conjugal de ambos os cônjuges. Assim, pois, a fidelidade de ambos os cônjuges vai garantir a herança dos bens familiares à descendência legítima, já que filhos tidos fora do casamento poderiam reclamar direitos de sucessão. Se a infidelidade acontece, ambos os cônjuges podem

se sentir duplamente enganados. Primeiro pelo ato da infidelidade, e segundo por repassar seus bens ao filho de outro.

Independentemente de ser justo ou absurdo esse princípio, é possível observar a preocupação com essas questões na redação das leis desde o tempo da Lei de Família, redigida à época do Império Romano, que consagra o princípio da fidelidade recíproca. Hoje em dia, os efeitos da modernidade atingiram as antigas leis e surgiram novas configurações. Na Venezuela, os filhos de uma mulher, concebidos com seu esposo, não se diferenciam legalmente dos outros filhos nascidos fora do casamento – quer dizer, não há diferença entre filhos legítimos e filhos ilegítimos. Como não é necessário precisar a origem (a legitimidade), todos são filhos legítimos com direitos iguais. Outra inovação no Direito venezuelano é que o concubinato passou a ser um estado civil reconhecido, e portanto garante os direitos patrimoniais (em caso de separação) e (e de sucessão) de herança da concubina e de seus filhos, de forma exata e igual aos direitos jurídicos de uma mulher legalmente casada com seu cônjuge. Até aqui, estamos apresentando os argumentos sociais e culturais que sustentam a necessidade da fidelidade conjugal.

7.4.2. A visão da psicanálise

O motivo para a união de casal homem/mulher ou outras variações de casais, como nos casos de casais homossexuais, bissexuais ou de casamentos abertos, pode ter duas razões: (a) a criação de um casamento por conveniência e (b) o casamento por amor. Ambas as razões são aceitáveis, ambas são frequentes e socialmente legítimas. Na antiguidade, na época do Império Romano, o vínculo por amor era considerado inferior, frágil e plebeu. O apropriado e honroso nessa época era organizar o casamento por razões de conveniência. Hoje em dia, a situação é diferente e inversa. Como todos sabem, predomina o conceito social valorizado do casamento por amor.

Permitam-me examinar alguns aspectos do vínculo por amor. O vínculo de amor leva ambos os membros do casal a uma união de apego intenso, em que um considera o outro como se fosse de sua propriedade. Essa particular relação de objeto explica vários aspectos. Primeiro, o juramento de amor eterno que um faz ao outro. Segundo, o contrato religioso, que pressupõe ter uma vida em comum *até que a morte os separe*, demonstra o desejo sincero de um vínculo para toda a vida.

Essa particular relação de objeto amoroso, em que predominam o apego e a fusão objetal, próprios do amor de paixão, mostra a clara presença de uma relação de objeto de tipo simbiótica. Isso elucida a exigência de exclusividade no vínculo: *cada um é dono do outro* de forma exclusiva. Também explica o sofrimento e o

sentimento ilusório de humilhação frente à ideia de sofrer a traição, pela presença do ato infiel. Isso dá conta da frequente resposta de violência e ciúmes diante da perda da exclusividade, ao não se admitir um terceiro na relação.

7.5. Significado do ato infiel

Sobre o misterioso significado do ato infiel algumas reflexões merecem ser feitas. Primeiramente, se é considerado socialmente igual em gravidade a infidelidade do homem e da mulher. *A voz do povo* nos diz que é muito mais grave a infidelidade da mulher do que a do homem. Por que será que é assim? Para entender este fenômeno, é necessário considerar as diferenças na entrega amorosa e sexual dos homens e das mulheres, ou seja, as diferenças da entrega de amor que aparecem em ambos os gêneros. Aqui é necessário esclarecer que o amor nos remete à paixão, isto é, a algo involuntário e intenso. O ato sexual se refere a outra coisa: ao desejo do sujeito. Este desejo não é o amor, portanto estamos falando de dois registros diferentes que às vezes têm a boa sorte de se complementar.

Na mulher feminina, geralmente ambos os registros estão unidos: o amor e o desejo. Uma mulher feminina necessita de um vínculo prévio de amor para conseguir uma entrega sexual bem-sucedida, orgástica. Não é assim para a mulher masculina, que pode ter desejo sexual por uma pessoa sem necessidade de uma relação amorosa prévia.

No homem masculino, ambos os registros, amor e desejo sexual, circulam separadamente. Um homem masculino pode ter um ato sexual bem-sucedido, sem necessidade de estabelecer previamente um vínculo amoroso. É possível que não saiba nem o nome da mulher com quem tem relações sexuais nesse momento. Por essa razão, o senso comum social considera a infidelidade do homem como algo sem importância. Uma aventura, *uma diversão*⁹. Não é assim para o homem feminino, que necessita de um vínculo de amor prévio antes de realizar com satisfação o ato sexual.

7.6. A possibilidade de perdoar o ato infiel

A mulher é capaz de perdoar ao homem seu ato infiel, sempre e quando ele não mostre amor pelo objeto de desejo, coisa que os homens masculinos podem oferecer. A mulher pergunta ao homem se ele a beijou na boca. Esse beijo na boca vai funcionar como um testemunho ou uma prova de amor. Ou a mulher pergunta

⁹ N.R.: No original, *echar una cana al aire*, cujo significado é ter uma relação sexual na qual se é infiel. Também pode significar fazer algo divertido, pouco usual ou atrevido.

diretamente a seu parceiro se sente amor por outra mulher. E o homem masculino responde sinceramente com uma negativa.

Existem homens femininos em que este axioma, do amor e do desejo sexual circulando de modo separado, não se aplica. Nesse caso, a situação para a mulher enganada se torna mais difícil. Da mesma forma existem mulheres masculinas, nas quais este axioma dos registros separados se aplica plenamente e podem ter um ato sexual sem estar minimamente apaixonadas por esse homem ou por essa mulher. Portanto, a importância do ato infiel varia conforme a estrutura de gênero sexual inconsciente de cada sujeito.

O homem também é capaz de perdoar à sua mulher o ato infiel, mesmo quando não necessita da convicção de que sua mulher não sentia amor pelo outro. O homem a perdoa, tendo conhecimento de seu amor pelo outro, pela razão de seu desejo de continuar a convivência e a esperança de reconstruir uma relação de afeto e confiança mútua no outro conjugal.

7.7. A infidelidade e o amor múltiplo

É possível amar várias pessoas ao mesmo tempo? Realmente é possível amar duas ou três pessoas ao mesmo tempo? A experiência clínica me ensinou que sim. Uma vez estabelecida a relação passional amorosa com o primeiro objeto de amor, com o qual se mantém uma relação de casal estável, pode aparecer então um segundo objeto de amor, que também pode provocar uma relação de paixão ou de menor intensidade. Ao não se desprender do primeiro objeto, estabelece-se uma vida dupla, que se manterá secreta até que seja descoberta. Descoberta a vida dupla, aparece uma crise em ambas as vidas. Uma das duas relações vai ser interrompida ou se estabelece um acordo de casamento aberto. Este tipo de vínculo com uma vida dupla organizada à maneira de uma bigamia é mais comum do que se pensa ou se aceita socialmente. Os homens podem ter dois lares em duas cidades próximas ou na mesma cidade, e os mantêm assim por muitos anos, às vezes com duas famílias com filhos. Não é algo estranho, nem é tão raro. Mas esclareçamos: nem toda vida paralela implica duas famílias e manutenção econômica de duas casas. Apenas a presença da amante oculta é suficiente para estabelecer a condição de uma vida dupla, de amor sincero em ambos os lares. Por isso, é tão difícil para o homem terminar com uma delas.

7.8. Infidelidade e a possível exclusividade do desejo sexual

O mais comum é a presença do ato infiel em homens e em mulheres que se realizam no puro registro do desejo sexual, em relações em que não há um vínculo amoroso intenso nem de compromisso futuro com o outro. Às vezes, se trata de um sexo anônimo realizado com prostitutas ou prostitutos que são elegantes, cultos e hábeis na entrega de seus serviços. São encontros sexuais ocasionais que ocorrem, apesar de o vínculo conjugal ser muito satisfatório – embora às vezes, seja necessário admitir que o vínculo sexual conjugal é insatisfatório ou ausente. A razão para as infidelidades não é necessariamente a pobreza desse vínculo sexual conjugal, tal como propunha Freud, quando falava da dicotomia entre a *esposa pura* e virgem, que limita a riqueza e a variação sexual, e a *esposa impura* aberta a novas e atrevidas explorações sexuais.

Às vezes, essa dicotomia ou excisão da esposa como um ser virginal e da prostituta como um ser sexual não aparece na experiência clínica. A maioria dos casos que observo hoje em dia obedece a outra lógica. Encontrei com frequência uma imperativa necessidade de afirmar (para si mesmo) o triunfo da conquista sexual. A afirmação do poder fático (sempre questionado). Algo que não necessariamente implica o amor, e é pontual e passageiro. Às vezes, homens e mulheres igualmente fáticos nem sequer conhecem os nomes verdadeiros de seus parceiros sexuais ocasionais que serviram ao propósito do triunfo fático.

7.9. O problema da entrega

Além do puro registro do desejo sexual, existe também a figura do amante em ambos os sexos. Este amante significa que existe um vínculo amoroso sincero. Isso abre a possibilidade de amar a duas ou três pessoas ao mesmo tempo. Então, cabe a pergunta: por que razão pode ocorrer a presença de dois ou três vínculos amorosos sinceros e simultâneos? Observei que a exclusividade conjugal no vínculo amoroso sincero cria dentro do casamento uma variável nova e importante. Refiro-me à variável do compromisso e da entrega ao outro. Quer dizer, ao cônjuge, seja este uma mulher ou um homem.

Essa mulher ou homem é o objeto do amor, e a entrega exclusiva a esse objeto de amor não deveria ser um problema. No entanto, no caso do homem masculino – mais frequente que no caso da mulher feminina –, o homem resiste e teme esta entrega exclusiva. Teme ficar encurralado, e teme perder sua liberdade (simbolizada no sexual) que o afirma como homem fático. No entanto, ama sua

mulher e tem muito bom sexo com ela, ou com ele, no caso da mulher infiel. O temor e a resistência à entrega exclusiva (quer dizer, o dar-se na entrega totalmente ao outro) levam o sujeito a um segundo e a um terceiro amor simultâneo.

Assim aparece a vida amorosa dupla e tripla, todas sinceras. Por serem múltiplas, oferecem tranquilidade na entrega a cada uma delas ou deles, já que está entregue a todas e a nenhuma. Assim, se vive o vínculo amoroso sem exclusividade, mas com plenitude.

7.10. Quando não se pode resistir

Existem casos em que o homem ou a mulher não podem resistir quando desejados por outro que os solicita sexualmente. Estes sujeitos sabem que sofrem desta fraqueza, e também sabem que ao final terminam cedendo à demanda sexual insistente do outro, mesmo na ausência de um sentimento de amor. Cedem sem estar apaixonados, cedem para comprazer o outro, e obtêm um prazer de órgão, um prazer sem obstáculos no exercício da sexualidade. Não sofrem por sentimentos de culpa. Muitas vezes, trata-se de sentimentos de inferioridade ou de carência, que se aliviam ao se sentirem desejados sexualmente pelo outro. Ceder a esse desejo do outro lhes proporciona uma convicção de ser valiosos/as e adequados/as.

7.11. O problema do machismo (duplo padrão)

Também poderá se examinar a presença do duplo padrão: precisamente esse duplo padrão é o que pontualmente define a *teoria do machismo* em homens e mulheres. O machismo do homem (o duplo padrão) nas exigências cotidianas permite ao homem o que nega à mulher, e vice-versa no caso das mulheres machistas. O machista diz “Os homens na rua e a mulher em casa”, dicotomia que exhibe privilégio arbitrário e absurdo.

O problema da infidelidade para o machista – seja do homem ou da mulher machista – é manejado como um direito a ser infiel, imposto autoritariamente ao outro. Quer dizer, um simples abuso de poder, que pode ser exercido pelo homem machista ou pela mulher machista. Como é possível entender, esta colocação conjugal machista (chauvinista) não produz sentimentos de culpa nem de vergonha, já que é considerada consonante e harmônica com seus próprios ideais machistas (chauvinistas).

7.12. Fidelidade e submissão

Esse abuso de poder nos leva ao problema da submissão da mulher ao homem ou vice-versa. A mais comum é a submissão da mulher ao homem por medo de perder (a) estabilidade pessoal, (b) o prestígio social de ter marido, um homem que a representa, (c) a pertença à família, (d) os filhos; além disso, a mulher tem medo de perder (e) a posição social e o bem-estar econômico. Esses temores e a presença de certos traços de personalidade masoquista explicam a submissão, ou a extrema submissão, que aparece em certos casais, encarnada na figura da mulher com seu homem machista ou do homem com sua mulher machista.

7.13. Infidelidade e perversão sexual

É necessário, antes de terminar, incluir nessas observações a infidelidade que ocorre no caso de homens casados, com uma estrutura mental neurótica (não perversa), que têm traços perversos e que necessitam de *um partner* especializado em algum tipo particular de ato perverso em neuróticos. Refiro-me, por exemplo, ao intenso erotismo que aparece em cenas especializadas de tipo masoquista ou sadista, que vão aparecer dentro de um esquema de infidelidade conjugal com uma prostituta ou um prostituto especializado. Ou o intenso erotismo que aparece quando homens heterossexuais casados contratam prostitutas travestis para realizar atos sexuais com uma aparente bela mulher, que ao se despir mostra a plenitude de seu órgão sexual masculino ereto. Tudo isso dentro de um cenário de infidelidade conjugal. Esta sexualidade especial que se estende a atos sexuais específicos passa a ser duplamente secreta, pela infidelidade e pela natureza estranha deste ato sexual.

Conclusão

A existência dessas condutas sexuais variadas, que descrevi nos últimos três parágrafos, são assunto bastante frequente na vida conjugal de sujeitos neuróticos com traços perversos. São condutas sexuais egossintônicas, que não causam angústia a esses sujeitos (homens e mulheres). Portanto, não solicitam nenhum tipo de ajuda analítica nem psicoterápica. Quando esses *sujeitos neuróticos com traços perversos* buscam análise por outras razões, e no curso de suas análises surge a narrativa de suas vidas sexuais, esta vida sexual estranha se torna conhecida para o analista. Aqui surgem questionamentos inevitáveis e que levam o analista a um dilema. Como encarar a vida sexual revelada por seu analisando? Trata-se

de uma patologia sexual? Trata-se de um sintoma neurótico de tipo sexual? Trata-se de uma perversão sexual? A resposta a essas perguntas depende da orientação teórica que o analista consultado adota. E também depende da própria análise do analista, e principalmente até que estágio chegou em sua análise pessoal (no âmbito de sua vida sexual). Jacques Lacan introduziu na teoria psicanalítica o conceito de *fantasma sexual* em seu seminário chamado *A lógica do fantasma* de 1966. Com esse conceito, Lacan se refere ao uso das *fantasias sexuais* para enriquecer a vida sexual, e assim chegar a um orgasmo mais intenso. Estas fantasias sexuais (fantasma) consistem em um minirroteiro com imagens sexuais e um rápido solilóquio. Isso constitui o *fantasma*, que sempre é sexual. Este fantasma não é um sintoma, nem constitui nenhuma patologia. Simplesmente é o fantasma próprio de cada sujeito. Nem todos os sujeitos estão conscientes de seu fantasma sexual. E, portanto, não o usam em sua vida sexual. Por meio da análise, ou de outras experiências variadas não analíticas, passam a conhecer seu próprio fantasma e passam a compartilhá-lo com seu parceiro, que tem ao mesmo tempo seu próprio fantasma. E esses começam a ser usados na vida sexual. Aparecem, assim, fantasmas de natureza sádica, masoquista, exibicionista, voyeurística, sexo entre três ou quatro pessoas, fantasmas homossexuais, etc. A interrogação do analista se faz é a seguinte: esta conduta sexual é um *sintoma* ou um *fantasma*? A resposta vai depender de sua orientação teórica e de sua análise pessoal. □

Abstract

Love: observations of an octogenarian psychoanalyst

What does psychoanalysis say about the nature of love? According to my clinical experience and theoretical understanding, love refers to a specific kind of object relationship. The word *love* alludes to different kinds of object relationships and, therefore, it is polyvalent. In order to study it, despite all the controversies surrounding the concepts of love, I circumscribed the study of love to five types. In the case of *passionate love*, the object relationship is clearly narcissistic, and it arises as something that is not controlled by the will. Afterwards, I present in detail five kinds of love: passionate love, courtly love, convenient love, anaclitic love and the speech of love. In conclusion, I draw some additional considerations regarding infidelity and its vicissitudes in the love relationship.

Keywords: love, hate, object relationship, passion, anaclitic, courtly, speech of love, infidelity.

Resumen

El amor: observaciones de un psicoanalista octogenario

¿Qué dice el psicoanálisis en relación a la naturaleza del amor? Según mi experiencia clínica y entendimiento teórico, puedo decir que el amor refiere a un tipo particular de relación de objeto. El vocablo *amor* refiere a varios tipos distintos de relación de objeto y por lo tanto la palabra amor es polivalente. Para estudiarlo y a pesar de toda la controversia que esto suscita, me he permitido reducir el estudio del amor a cinco tipos. En el caso del *amor de pasión* está claro que esta relación de objeto es narcisista y se padece como algo no controlado por la voluntad. Luego procedo a presentar en detalle los cinco tipos de amor: El amor de pasión, el amor cortés, el amor de conveniencia, el amor anaclítico y el alegato de amor. Al final me he permitido agregar unas consideraciones adicionales detalladas sobre la infidelidad y sus vicisitudes en la relación de amor.

Palabras clave: amor, odio, relación de objeto, pasión, anaclítico, cortés, alegato de amor, infidelidad.

Referências

- Armiñán, J. de. (Dir.) (1980). *El nido*. Drama. Spain, 1h 37min.
- Balint, M. (1960). Primary narcissism and primary love. *Psychoanalytic Quarterly*, 29: 6-43.
- Blatt, S. J. & Shichman, S. (1983). Two primary configurations of psychopathology. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 6 (2): 187-254.
- Blatt, S. J., Ford, R. Q., Berman, W., Cook, B., & Meyer, R. (1988). The assessment of change during the intensive treatment of borderline and schizophrenic young adults. *Psychoanalytic Psychology*, 5 (2), 127-158.
- Frears, S. (1988). *Relaciones peligrosas*. Drama, Romance. Baseado na obra de Christopher Hampton (Play) e Choderlos de Laclos (Novel). Título original *Dangerous liaisons*. USA: Warner Bros, 1h 59min.
- Freud, S. (1905a). La pulsión y sus vicisitudes. In *Obras completas*, Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1905b). Tres ensayos sobre una teoría sexual. In *Obras completas*, Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1909). Caso del Presidente Schreber. In *Obras completas*, Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1914). Introducción al narcisismo. In *Standard edition* (Vol. 14).
- Freud, S. (1917): Conferencia 26. La teoría de la libido y el narcisismo. In *Obras completas* (Vol. 16), Amorrortu.

- Freud, S. (1923). El yo y el ello. In *Obras completas*, Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1931). Los tipos libidinales. In *Obras completas* (Vol. 21), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1938 [1940]). Esquema del psicoanálisis. In *Obras completas* (Vol. 23), Amorrortu.
- Lacan, J. (1960). El seminario, libro 8. La transferencia. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- Lacan, J. (1964). El seminario, libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. Buenos Aires: Paidós, 1977.
- Lacan, J. (1966). La lógica del fantasma. Seminario 14, 1977.
- Laclos, P. C. de (1782). *Le liaisons dangerous*. Translated by P. W. K. Stone. Paris: Durand Neveu, 400 p.
- Murakami, H. (2001). La larga carta de Kumiko. In *Crónica del pájaro que le da cuerda al mundo*. (Parte 2) El pájaro profeta. (Cap. 11). México: Maxi-Tusquets.
- Spitz, R. (1959). *A genetic field theory of Ego formation: its implications for pathology*. Madison: International Universities Press.

Recebido em 25/07/2017

Aceito em 04/10/2017

Tradução de **Ernani Ssó**
Revisão gramatical de **Ellen Garber**
Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Rómulo Lander

Avenida Venezuela, Urbanización El Rosal
Edificio Policlínica Americana
Piso 4, Consultorio 4-D
Caracas, Venezuela ZP-1060
e-mail: rlander39@gmail.com

© Rómulo Lander

Versão em português da *Revista de Psicanálise – SPPA*